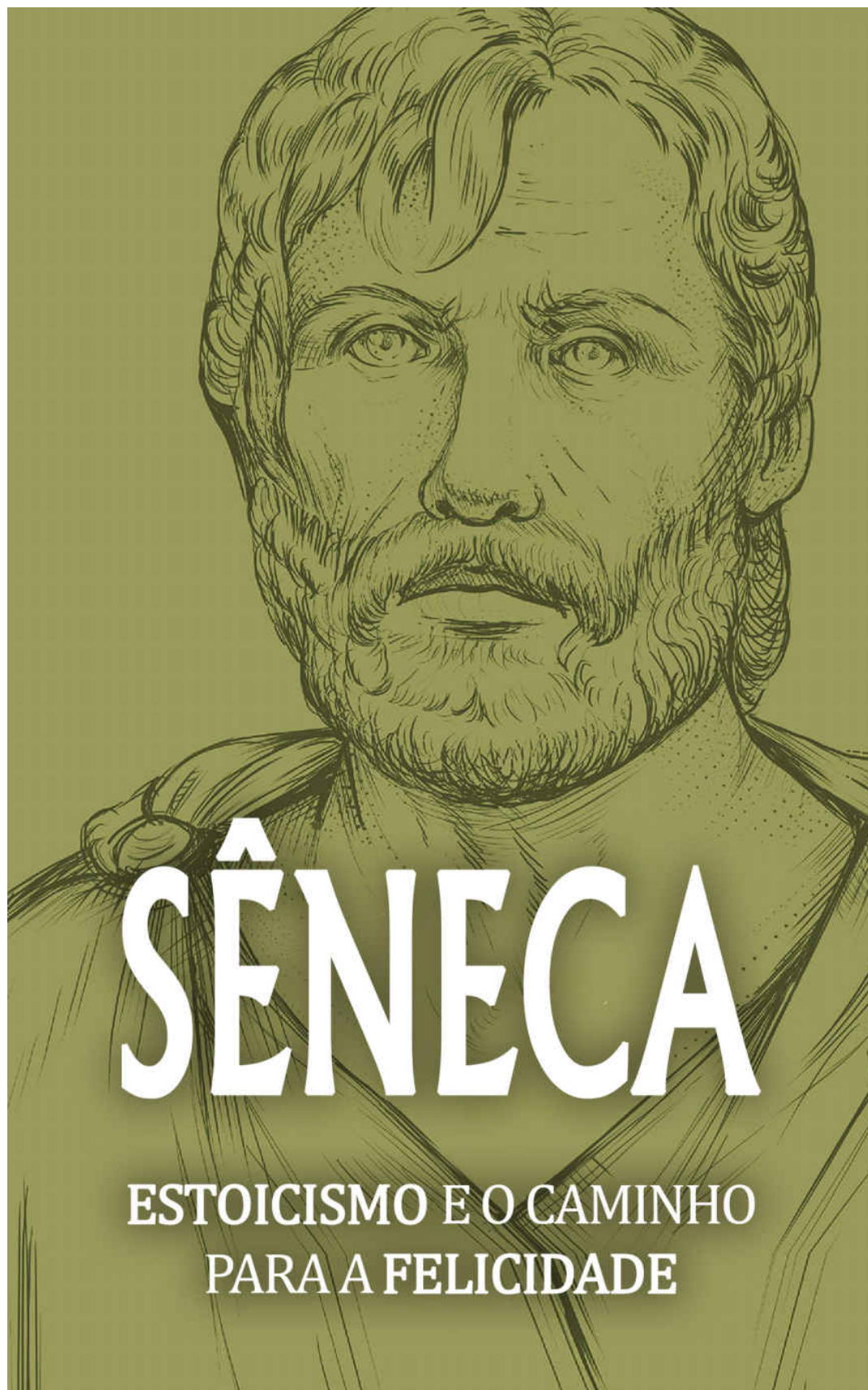




# SÊNECA

ESTOICISMO E O CAMINHO  
PARA A FELICIDADE





# SÊNECA

ESTOICISMO E O CAMINHO  
PARA A FELICIDADE



## Índice

[Sêneca e estoicismo](#)

[Introdução](#)

[Lucius Annaeus Seneca: biografia de um filósofo estoicista](#)

[O estoicismo e os escritos de Sêneca](#)

[Influência subsequente](#)

[Trabalhos de representação](#)

[Sêneca: o caminho para a virtude](#)

[Vida de Sêneca](#)

[A escola estóica](#)

[O pensamento de Sêneca](#)

[Seneca, o pensador cordobês que revolucionou a filosofia](#)

[Seneca, uma cordobesa em Roma de Nero](#)

[Sêneca, o equilíbrio da virtude moral](#)

[Seneca, a contradição de um pensador influente](#)

Sêneca e estoicismo

*O Caminho para a Felicidade*

Introdução

Lucius Annaeus Seneca é um dos filósofos mais representativos da escola de estoicismo, especialmente de seu estágio posterior de desenvolvimento. Ele foi uma das figuras mais importantes da filosofia durante o Império Romano e é levado até hoje em estudos sobre filosofia grega e ética contemporânea.

Embora não seja uma escrita autobiográfica, em todo seu trabalho, Sêneca mantém uma forte conexão entre suas experiências diárias e as reflexões filosóficas que elas provocaram nele. Isto tem sobrevivido até os dias de hoje através dos próprios registros escritos da Seneca.

Neste trabalho, você encontrará uma biografia de Lucius Annaeus Seneca, assim como algumas das principais características de seu trabalho.

Lucius Annaeus Seneca: biografia de um filósofo estoicista

**Lucius Annaeus Seneca nasceu em Córdoba, Espanha, por volta de 4 AC.** no auge do Império Romano, na província de Hispânia. Ele veio de uma ilustre família de alta sociedade.

Seu pai, Marcus Annaeus Seneca, foi um orador e escritor romano que produziu importantes estudos sobre a história do oratório. Muitas de suas obras foram atribuídas a Lucius Annaeus durante a Idade Média, um período no qual Seneca júnior foi amplamente reconhecido. Para diferenciá-lo, ele foi chamado Seneca, o Orador, ou Seneca, o Ancião.

A vida de Sêneca o Jovem passou por diferentes momentos que lhe permitiram refletir profundamente sobre as emoções, a ambição, o poder curativo da filosofia e a morte, entre outros tópicos. Na verdade, muitos de seus escritos são freqüentemente interpretados tendo em mente sua biografia. Ele estudou retórica e filosofia em Roma e sua carreira é conhecida por ter sido bem sucedida, algo dramática e também política.

Por exemplo, ele foi acusado de adultério e exilado na Córsega.

Ele também estava entre os conselheiros do Imperador Nero em momentos politicamente difíceis, e acabou sendo acusado de cumplicidade na conspiração Pisoniana para assassinar Nero. Por esta razão ele foi forçado a cometer suicídio em Roma em 65 anos.

O estoicismo e os escritos de Sêneca O estoicismo é uma escola filosófica fundada por Zeno do Citium e baseada no domínio das paixões e de uma vida baseada na busca da felicidade através da razão. Durante o período imperial, esta escola teve uma grande influência sobre as obras literárias.

Especialmente as tragédias do Seneca, com seu importante conteúdo filosófico, foram de grande importância. Por esta razão, Sêneca é considerado tanto um filósofo quanto um poeta. Embora esta diferenciação tenha sido uma questão controversa entre os estudiosos.

Nos tempos antigos, de fato, pensava-se que existiam "dois Senecas": um filósofo e outro trágico (ou poeta). Hoje se aceita que o interesse de Seneca pela ética e psicologia (especialmente os efeitos destrutivos da emocionalidade excessiva), está presente em toda sua obra literária, tanto em verso como em prosa.

Em qualquer caso, suas tragédias são reconhecidas como escritos mais escuros do que os em prosa. É o caso, por exemplo, do tema da morte, que em seus escritos em prosa aparece como uma libertação; de fato, ele justificou o suicídio como uma forma ética de

morrer. Nas tragédias, no entanto, a morte é muitas vezes apresentada como a transição para um sofrimento maior.

Sêneca concordou com um monismo psicológico, na medida em que ele não faz distinção entre um componente racional e um não racional da alma (como também não fizeram os estóicos anteriores).

Para eles, o conhecimento é baseado na ação, não há distinção entre um motivo prático e um teórico. Neste sentido, teorizar e refletir sobre os aspectos éticos e morais da vida cotidiana é uma forma de produzir conhecimento, alcançar a felicidade e a virtude.

### Influência subsequente

Alguns dos estoicismos do Seneca são reconhecidos como um dos mais importantes antecedentes das preocupações modernas sobre como moldar a nós mesmos e nossas vidas.

Por um lado, o trabalho do Seneca enfatiza a filosofia estóica anterior e acrescenta alguns detalhes a ela. Por outro lado, seu trabalho é caracterizado pela ausência de tecnicidades e pela ênfase nas propriedades terapêuticas e qualidades práticas da filosofia.

Ele defendeu a idéia da igualdade dos homens e um estilo de vida baseado na moderação. Este último representava o caminho para a felicidade, e devia ser acompanhado por uma rejeição da superstição.

Esta parte de seu trabalho foi retomada de forma importante pelas correntes renascentistas e por diferentes escolas filosóficas da modernidade.

### Trabalhos de representação

Em seus escritos, ele discute uma série de questões que tratam de problemas morais da vida cotidiana. Entre os trabalhos mais destacados estão, por exemplo, Cartas ao Licílio, As Cartas Morais, Os Ensaios Morais, O Codex Ambrosianus e As Questões Naturais.

Junto com o Consolo para sua mãe Helvia e o Consolo para a Polybius, o Consolo de Márcia é a obra mais antiga conhecida até hoje.

Sêneca: o caminho para a virtude Sêneca desceu à posteridade como uma voz ética prefigurando o cristianismo. Contemporâneo de Paulo

de Tarso, diziam ter trocado cartas. Epístolas apócrifas alimentaram a lenda.

O

O contraste entre sua vida pública, que incluía as artimanhas da política e as misérias das intrigas palacianas, punha em questão a suposta exemplaridade de sua figura. Vale lembrar que o julgamento sobre a pessoa não afeta os textos, que gozam de autonomia assim que adquirem sua forma final.

Sêneca concebeu sua existência como um caminho para a virtude porque conhecia suas próprias fraquezas e imperfeições. Se ele tivesse sido um homem santo, talvez não tivesse cultivado a filosofia, a melhor escola para uma consciência que deseja se educar e superar suas fraquezas. Ele não era um pensador sistemático, mas um escritor que era movido por intuições e reflexões ocasionais.

Sua sabedoria consistiu em meditar sobre o bom, bom governo, liberdade, dignidade, beleza e morte, usando um critério flexível, longe de postulados dogmáticos.

Como Sócrates e Platão, ele entendeu a filosofia como preparação para a morte. Nas Epístolas Morais a Lúcido, Sêneca escreve: "Estou me preparando com coragem para aquele dia em que, sem todo artifício, me julgarei e mostrarei se minha coragem estava em meu coração ou em meus lábios, se meu desafio ao destino era uma pretensão ou uma comédia. A estimativa dos homens, que é sempre duvidosa e que se dedica indiscriminadamente ao vício e à virtude, não conta para nada; os estudos de uma vida inteira não contam para nada: só a morte é nosso juiz. As disputas filosóficas, as conversas aprendidas, os preceitos de sabedoria não

provam o verdadeiro valor da alma: até mesmo os homens mais vil podem falar como heróis. Seu valor individual será revelado apenas em seu último suspiro. Aceito estas condições: não temo o tribunal da morte".



Sêneca nasceu numa época em que os deuses pagãos já não gozavam mais do fervor popular e o Deus cristão ainda sofria perseguição. A perspectiva da finitude sobrecarregou as consciências com a idéia de uma morte triunfante e irreversível.

A esperança parecia absurda e distante. Sêneca compreende a busca moderada e racional do prazer dos Epicureus, segundo os quais os deuses não existem ou olham com indiferença para o sofrimento humano, mas sua concepção do eu o desencoraja: "Eu mesmo sou da opinião que os preceitos de Epicuro são veneráveis, retos e, se olharmos mais de perto, tristes".

Julián Marías se pergunta se esta tristeza não é a mesma que nos aflige hoje, quando o progresso científico e tecnológico, longe de resolver nossos problemas, tem agravado a solidão e o isolamento.

Dado que nossa aflição se assemelha à dos primeiros séculos de nossa era, "vale a pena ressuscitar Seneca", diz Julián Marías, "mas isso significa dar-lhe nova vida, a nossa, com um olhar que recria sua atitude, seu esforço, seu tremor humano, e mede a enorme distância que nos separa dele".

É exatamente isso que pode nos enriquecer, nos ajudar a ser quem somos.

## Vida de Sêneca

Lucius Annaeus Seneca, chamado de Seneca o Jovem para distingui-lo de seu pai, nasceu - segundo a tradição - em Corduba (atual Córdoba) por volta do ano quatro d.C. Seu pai, Marcus Annaeus Seneca, foi um procurador imperial e um notável retórico.

Pouco se sabe sobre a juventude e maturidade precoce de Lucius Seneca, exceto que ele viveu em Roma, hospedando-se com sua tia Márcia. Naquela época, o filósofo Atala o introduziu ao estoicismo e lhe ensinou retórica e gramática.

Márcia foi esposa de uma equita romana que foi nomeada governadora do Egito pelo imperador Tibério. O jovem Seneca acompanhou o casal, que se estabeleceu em Alexandria. Durante sua estadia, Seneca aprendeu administração e finanças, e começou a estudar geografia, etnografia e ciências naturais, revelando uma inteligência aguçada e uma memória privilegiada.

Ele se tornou próximo aos cultos místicos orientais e especula-se que tenha viajado para a Grécia, uma ocorrência comum entre os patrícios romanos. Sêneca sempre lutou com a saúde precária que testou sua resistência física e mental. Atormentado por ataques de asma, ele até considerou suicídio, mas descartou-o para não prejudicar seus pais.

No ano 31, Sêneca retornou a Roma e logo foi nomeado questor.

Logo foi notado por sua habilidade oratória e seu estilo brilhante como escritor.

Quando Calígula sucede a Tibério, Sêneca já é o orador mais influente do Senado, o que lhe trouxe muita inimizade. O novo imperador o condena à morte por razões desconhecidas, mas revoga a sentença. Sêneca deixa a vida pública. A adesão de Cláudio ao trono não melhora a situação.

Condenado à morte pela segunda vez por não gostar de Valeria Messalina, esposa do imperador, ele se exilou na Córsega, onde permaneceu por oito anos.

Dali ele escreve Consolação a Políbio, onde expressa uma visão trágica da existência: "toda nossa vida é uma provação", "não há nada eterno e poucas coisas duram", "os mortos são abençoados ou nada". Sêneca lisonjeia Cláudio para obter seu perdão e afirma que Calígula foi "um aborto da natureza".

Em 49 ele voltou a Roma sob a influência da Agrippina, a mãe de Lucius Domitius Enobarbus, o futuro Nero. Ele foi nomeado pretor e

guardião da criança que iria herdar o império. Cinco anos depois, Cláudio morreu - supostamente envenenado - e Nero, que se tornou imperador aos 17 anos de idade, o escolheu como assessor político e ministro, nomeando-o cônsul sufecto.

Durante os próximos oito anos, Sêneca e o general Sextus Afranius Burro, também conselheiro do imperador, governariam conjuntamente o vasto império romano.

O imperador Trajano evocaria este período como "o melhor e mais justo governo de toda a era imperial". Enquanto Nero levava uma vida dissipada, Seneca e Burro, ambos senadores, promoveram reformas jurídicas e financeiras, combateram a corrupção e incorporaram a Armênia ao império, fortalecendo assim sua fronteira oriental. Seneca aproveitou sua posição para se enriquecer.

Juvenal fala dos sumptuosos jardins de seu palácio. Em 59, Nero assassinou sua mãe, Agrippina, a protetora do Sêneca. Longe de condenar o crime, o filósofo o justificou em uma carta ao Senado, alegando que ele estava conspirando contra o imperador. Este é talvez o momento mais vergonhoso da vida do filósofo.

Após a morte de Burro em 62, uma campanha de difamação foi desencadeada contra Sêneca, forçando-o a renunciar ao cargo de senador.

Ele deixou a vida pública pela segunda vez e se retirou para o sul da Itália, onde escreveu suas famosas Epístolas Morais para Lucilius.

Acusado de envolvimento na trama de Pison contra Nero, o imperador o condenou à morte.

Quando foi informado da sentença, Sêneca decidiu cometer suicídio, assumindo seu destino com serenidade. Ele abriu suas veias e bebeu cicuta, colocando-se em uma banheira. Ele morreu depois de uma dolorosa agonia. Seus restos mortais foram cremados sem cerimônia.

Lisonjeadora, ardilosa, ambiciosa, às vezes covarde e talvez corrupta, a tradição cristã negligenciou as fraquezas de Sêneca, considerando seus ensinamentos compatíveis com os do Evangelho.

Santo Agostinho o cita freqüentemente, Tertuliano o considera "um de nós" e São Jerônimo o inclui em seu Catálogo de Santos.

Durante a Idade Média, circulou a lenda de que Paulo de Tarso havia conseguido converter o Sêneca ao cristianismo. Seu suicídio em uma banheira teria sido apenas uma forma disfarçada de batismo.

Esta lenda surgiu do encontro entre Paulo de Tarso e Gálio, irmão de Sêneca e procônsul de Acaia, que, segundo Atos (18: 12-17), se absolveu no caso contra "o Apóstolo dos Gentios", deixando-o em liberdade quando foi levado perante ele sob a acusação de pregar contra a Lei.

Desta breve reunião surgiu o mito de uma suposta correspondência entre São Paulo e Sêneca, que foi consolidada pelo aparecimento de várias cartas espúrias. James de la Voragine, arcebispo de Gênova, incluiu o fictício

converso do filósofo estóico na Lenda de Ouro, sua famosa compilação das vidas de santos cristãos e mártires. A Idade Média colocou Sêneca quase no mesmo nível de Aristóteles, "o Filósofo". A Renascença continuou a celebrá-lo, encontrando em seu pensamento uma perspectiva humanista e racional. Muitas das obras de Sêneca sobreviveram: diálogos morais, cartas, tragédias e epigramas.

Seu legado inclui o tratado sobre Providência, sobre Consolação a Helvetia, um diálogo que ele escreveu para sua mãe, as Questões Naturais, um tratado sobre a natureza que combate as superstições, e as Epístolas Morais a Lucilius, sua obra-prima. Hoje não há consenso sobre a identidade de Lucilius. Durante muito tempo acreditou-se que ele era um procurador romano. Agora até se duvida que ele tenha existido.

Os apologistas do Seneca incluem Erasmus de Rotterdam, Montaigne, Descartes, Diderot, Rousseau, Quevedo, Dante, Petrarca, São Jerônimo, Santo Agostinho, Lactantius, Chaucer, John Calvin, Baudelaire, Thomas de Quincey, Honoré de Balzac. Todos elogiaram as Epístolas Morais a Lucilius, em muitos casos admitindo seu desejo de emulação. Montaigne não fez segredo do fato de que seus Ensaios nasceram no calor da leitura deste trabalho.

Escritas durante os últimos três anos de sua vida, as Epístolas Morais a Lucilius exaltam a liberdade e a igualdade de todos os homens, questionam a escravidão e pedem compaixão pelo inferior, exigem respeito pela natureza, advertem sobre a rápida decadência das nações, refletem sobre a doença - justificando o suicídio para escapar do sofrimento inútil - elogiam a austeridade e advertem sobre a influência das massas na vida política.

O olhar de Sêneca se conecta com a sensibilidade contemporânea, revelando uma visão premonitória do futuro e uma apreciação do humano que se opõe a qualquer forma de autoritarismo.

### A escola estóica

O pensamento de Sêneca é inseparável do estoicismo, cujas idéias moldaram a visão de mundo da civilização romana.

A partir do século IV a.C., o estoicismo veio a deslocar a Academia e o Liceu, pois sua interpretação do homem e do cosmo era considerada mais próxima dos problemas do mundo real do que as especulações abstratas do platonismo e do aristotelismo.

Fundada por Zeno do Citium, a Stoa se baseou na idéia de que a verdadeira moralidade se baseia no conhecimento. É impossível praticar a virtude sem a ajuda da sabedoria. Sem uma reflexão teórica e uma busca incansável pela verdade, a conduta naufraga em mediocridade e acaba no mal.

Ao nascer, a alma humana é "como uma tábua não escrita".

Virtude não é um impulso espontâneo, mas algo adquirido através do conhecimento.

Sem a segurança proporcionada pelo conhecimento objetivo, o comportamento será cego e errático. As condenações são apenas certezas quando nascem de uma investigação rigorosa.

A lógica é a base de qualquer ciência, pois suas declarações possuem o grau de necessidade que marca a diferença entre a verdade e o erro. Aplicando este modelo à interpretação do universo, descobrimos que o cosmo é a única coisa real.

Tudo o que existe é a manifestação de uma substância de massa originária que "sempre foi, é e será".

Monistas e materialistas, os estóicos não acreditam no acaso. Há um logotipo ou força racional que penetra e vivifica a matéria, ordenando-a em direção a um telos ou propósito.

Em contraste com o materialismo mecanicista dos atomistas (Demócrito, Leucippus), os estóicos acreditam que o universo é governado por uma alma inteligente, racional e providente (pró-nóia).

O sábio aceita esta providência, sem se rebelar contra ela, pois sabe que o todo é harmonioso, de acordo com uma cadeia indestrutível de causas e efeitos.

De uma perspectiva individual, a realidade pode parecer imperfeita ou caótica, mas subespécie aeternitatis tudo é perfeitamente lógico e necessário.

A morte pode nos parecer um mal, mas é apenas um momento na ordem cósmica. Não há imortalidade individual, mas um retorno à força original da qual viemos. Os organismos perecem, mas não morrem completamente.



Eles simplesmente mudam seu estado. Catástrofes naturais ou deformações congênitas não são anomalias em um todo harmonioso, mas ocorrências necessárias.

As calamidades cumprem uma função e são compensadas por outros fenômenos. Não devemos confundir nossa insuficiente compreensão das coisas com um suposto mal. Somente o sábio é livre, pois só ele aceita a inexorável necessidade do universo.

Todos os outros homens são escravos, pois eles se rebelam contra a ordem do cosmos quando esta destrói suas expectativas de felicidade. A autarquia não implica poder sobre o mundo exterior, mas o controle de suas próprias paixões. O homem sábio aceita a morte de um ente querido como um fato natural e necessário. O tolo se rebela contra a perda, apenas aumentando sua dor.

Ataraxia estoica não consiste em refugiar-se em um jardim, como fazem os Epicureus, mas em compreender a natureza cósmica e humana do ponto de vista dos logotipos. Somente a razão pode nos dar independência e tranquilidade interior, libertando-nos da perturbação e instabilidade inerentes aos afetos e paixões.

O sábio estoico não cultiva a reclusão, pois acredita que todos os homens pertencem a uma polis universal e deve praticar a justiça e o amor ao próximo. Cada indivíduo é um cidadão da comunidade do racional. Existe um parentesco natural entre todos os seres humanos.

Chrysippus de Solos, o segundo fundador da Stoa e criador da gramática como disciplina específica, defendeu um único Estado e uma única lei soberana.

A comunidade do racional é incompatível com uma religião baseada em critérios antropomórficos. A idéia de um deus pessoal é uma ficção. Só Deus é a causa original imanente e governante da natureza.

O pensamento de Sêneca

O Sêneca pertence ao que é conhecido como Stoicismo tardio.

Seu pensamento não oferece grandes novidades. Ele assume os ensinamentos da tradição estóica, mas reivindica sua independência como pensador e seu direito de discordar. Ele fala de "nossos estóicos", mas adverte: "Eu não falo em língua estóica".

Ele não ataca as teorias de Zeno e Chrysippus, mas assinala que

"seguir sempre um mestre é partidarismo, não honestidade". Ele acha que nos estóicos existem paradoxos "nem sempre confiáveis" e

"muitas coisas dignas de serem cortadas em pedaços". "Eu não sigo aqueles que foram antes de mim? -ele reflete. Eu faço, mas também me permito encontrar, mudar ou abandonar algo".

A principal dissidência da Seneca consistia em rejeitar a Lógica como modelo de conhecimento.

Um silogismo não pode explicar a virtude. Para buscar a verdade,

"é preciso agir de forma mais simples". Ele lamenta que Chrysippus,

"um grande homem, mas um grego", "enche seus livros de tal absurdo".

Ele não acredita que a História e a Geometria sejam mais úteis do que a Lógica: "não é importante o que aconteceu com Ulisses, mas como navegar em direção ao bem". Dividir um pedaço de terra com precisão não tem utilidade, "se eu não souber como compartilhá-lo com meu irmão".

No campo da física, Sêneca é cético. Não conhecemos exatamente a verdadeira estrutura da realidade e talvez nunca a conheçamos. Em qualquer caso, não importa se o cosmos é fruto de uma lei inexorável ou da vontade de Deus.

O importante é ter a ajuda da filosofia, que nos ensina a viver com integridade e dignidade, obedecendo às leis da natureza. O essencial não é compreender a realidade, mas aceitar seus projetos de forma humana. Devemos pedir filosofia para nos ensinar a ser mais fortes, mais firmes, a estar acima dos acontecimentos.

Há um sentimento trágico em Sêneca que contrasta com a serenidade de Marcus Aurelius. A natureza muitas vezes nos ataca e nos fere, mas devemos permanecer invictos e dignos, sem sermos afetados. "Não sentir a própria desgraça é impróprio do homem, não suportá-la é impróprio do homem".

A filosofia nos permite moldar nossas ações até chegarmos à virtude: "a filosofia não rejeita ninguém". [...] A virtude não é proibida a ninguém, ela é acessível a todos, aos homens livres e livres e escravos, aos reis e exilados".

Sêneca acredita na dignidade de todos os homens, independentemente de suas ações: "Mesmo o criminoso ainda é um homem, e como tal digno de respeito, por isso é desumano jogá-lo aos animais selvagens".

Nenhum moralista clássico abordou o tema da escravidão com tal espírito crítico, apontando que os escravos são "homens",

"camaradas", "amigos humildes" e, portanto, não obrigados a obedecer a ordens que são repugnantes à razão.

A excelência de um homem não se mede por seus bens, mas por sua bondade: "Ponha de lado a riqueza, a casa, a dignidade, se você quiser pesar e medir a si mesmo".

Ninguém foi tão longe quanto Sêneca em sua exaltação do humano: "homo, res sacra homini" ("o homem é sagrado para o homem"). Ele não era menos radical em seu humor cosmopolita:

"quão ridículas são as fronteiras do homem!

Sêneca se aproxima do cristianismo, falando de consciência, vontade, pecado e culpa.

O homem é um pecador por natureza, mas sua consciência nunca se cansa de reprová-lo por seus erros e falhas, apelando para sua vontade de corrigir-se e expiar sua culpa. Sêneca formula uma máxima que evoca o espírito do Evangelho: "Comporte-se com seus inferiores como você desejaria que aqueles acima de você se comportassem com você".

Sua reflexão sobre a fraternidade dos homens não é menos próxima do espírito cristão: "A natureza nos fez irmãos, gerando-nos dos mesmos elementos e nos destinando para os mesmos fins. Ela colocou em nós um sentimento de amor recíproco pelo qual nos tornou sociáveis, deu à vida uma lei de equidade e justiça e, de acordo com os princípios ideais de sua lei, é mais prejudicial ofender do que ser ofendido.

Esta lei prescreve que nossas mãos devem estar sempre prontas para fazer o bem. Guardemos sempre em nossos corações e em nossos lábios esse verso: eu sou um homem, e nada humano é estranho para mim.

Sêneca assinala que os bens materiais não trazem felicidade.

Somente a virtude nos faz felizes.

Quando perdoamos a alguém que nos enganou, experimentamos uma legítima satisfação interior. Nossa consciência nos manda servir os homens e não nos engajarmos no ódio: "Onde há um ser humano, há lugar para a benevolência".

Não devemos acumular riquezas, pois elas não poderão nos acompanhar quando morrermos. É melhor buscar afeto e reconhecimento: "Veja que todos os homens o amem enquanto você vive e possam chorar quando você morre".

Sêneca às vezes fala da morte como uma libertação, afirmando em termos platônicos que o corpo é a prisão e o túmulo da alma: "O

dia da morte é verdadeiramente para a alma o dia do nascimento eterno".

Sêneca vive na memória coletiva por causa das grandes lições que ele nos legou. Nas Epístolas Morais a Lucilius, ele nos revelou que a verdadeira riqueza consiste em uma pobreza decente; que

"sem companhia a posse de qualquer bem não é agradável" e que devemos ser nossos próprios amigos, amando-nos uns aos outros apesar de nossas falhas.

O sábio foge da multidão, pois ele só está interessado no

"aplauso interior". Ele comemora a velhice: "Como é doce ter as paixões esgotadas e deixadas de lado". Ele procura Deus em sua consciência e não por fora: "Deus está perto de você, ele está com você, ele está dentro de você".

A sabedoria é acessível a todos. É por isso que "somos todos nobres" e "todos os homens pertencem à mesma linhagem", inclusive os escravos, que "desfrutam do mesmo céu, respiram da mesma maneira, vivem e morrem como você".

A sabedoria nos ensina que a amizade é "viver em comunhão".

Não conheceremos a felicidade se vivemos apenas para nosso próprio benefício: "você deve viver para seu vizinho, se você quer viver para si mesmo".

O filósofo é chamado a vir em defesa "dos infelizes, dos náufragos, dos doentes, dos cativos, dos prisioneiros, dos necessitados". Ele não pode se calar em disquisições teóricas e estéreis.

Sêneca encarna a perplexidade do ser humano diante do cosmos.

Ele não finge entender tudo. Ele está contente em aprender a viver.

Seu objetivo é passar pela vida com serenidade e fortaleza.

A filosofia não pode nos proteger de calamidades, mas nos ajuda a lidar com elas. A casa dos sábios é o homem. Não devemos fechar a porta aos nossos semelhantes.

Os malvados são apenas indivíduos mal orientados e nossos antagonistas podem ser os melhores professores. Consistente com esta abordagem, Sêneca coloca Epicuro entre Sócrates e Zeno, aceitando seu ensino. Longe dos ídolos pagãos, Sêneca sente devoção ao Deus Pai, testemunha íntima de nossos atos e benfeitora da humanidade, desdenhando ritos solenes: "Você quer ser agradável a Deus? Ser bom; imitá-lo é adorá-lo, e isto não se consegue fazendo sacrifícios, mas por uma vontade piedosa e reta".

Seu julgamento da sociedade de seu tempo não é indulgente: "É

um ajuntamento de animais de todas as espécies, com a diferença de que eles são carinhosos uns com os outros e não se mordem uns aos outros, enquanto os homens se despedaçam uns aos outros".

É impossível ler Seneca e não sentir que ele é nosso contemporâneo. Suas palavras vêm de longe, mas nos ajudam a habitar o agora, lembrando-nos de que o pensamento não é um ornamento, mas o que nos torna humanos.

Seneca, o pensador cordobês que revolucionou a filosofia

Senador e conselheiro de imperadores como Cláudio e Nero, Sêneca entrou para a história como uma das personalidades mais evocativas do Alto Império Romano graças à sua simples doutrina prática que defende a virtude moral como única forma de alcançar a felicidade.

"Para ser feliz é preciso viver em guerra com as próprias paixões e em paz com as dos outros". Esta é uma das citações que melhor



define a filosofia do Sêneca, um dos pensadores romanos com maior influência na filosofia da Idade Média e da Renascença. Seguidor do estoicismo, Sêneca concentrou grande parte de seus trabalhos em oferecer conselhos práticos sobre como alcançar a virtude moral, a única maneira de alcançar a felicidade de acordo com sua doutrina.

Mas o filósofo cordobês também dedicou grande parte de sua vida à política, servindo como senador e conselheiro de imperadores como Claudius e Nero. Revelado por muitos de seus contemporâneos que habitualmente o acusavam de hipocrisia, Sêneca entrou para a história como uma das personalidades mais evocativas do Alto Império Romano.

Seneca, uma cordobesa em Roma de Nero

Viagens para o outro lado do mundo, aconselhamento ao homem mais poderoso do Ocidente, várias sentenças de morte, vários adultérios e um suicídio acidental: a vida de Sêneca não poderia ter sido mais intensa.

Nascido em Córdoba por volta de 1 d.C. em uma família de intelectuais com vínculos com a nobreza romana, ele logo se mudou para Roma para viver com uma tia, mudando-se da capital do Império para o Egito por um longo período, onde ele entrou em contato com filosofias orientais que deveriam ter uma influência importante em seu pensamento posterior.

Gramática, retórica, filosofia e oratória: desde muito jovem, Seneca tinha uma paixão pelas letras e pelo pensamento. Mas ele logo mostrou também seu outro lado: a ambição. Ele começou o cursus honorum com sua nomeação como quaestor no retorno a Roma. Quando Calígula chegou ao poder, Sêneca já era o orador mais importante do Senado. E os problemas começaram.

A fama e a influência de Sêneca no Senado Romano despertou as antipatias do famoso imperador que o condenou à morte, mas a intervenção de alguns amigos suavizou a ordem. Seria a primeira de

até três sentenças de morte, o que mostra duas coisas: que a atividade intelectual e política de Sêneca tinha grande relevância em Roma... e que ele tinha muitos inimigos.

Com a morte de Calígula, Cláudio chegou ao poder, com quem Sêneca tinha uma relação muito complexa: foi novamente condenado à morte, da qual foi salvo ao ser exilado na Córsega. A mediação da Agrippina, nova esposa de Cláudio, levou a Sêneca a retornar a Roma para assumir um cargo de pretor.

Quando Nero chega ao poder após o assassinato de Cláudio, Sêneca respira um suspiro de alívio. Ele encontra o estágio certo para dar rédea solta às suas ambições.

Durante quase uma década, o político cordovês tornou-se o governador-sombra de todo o Império, optando por medidas práticas e moderadas que seriam amplamente celebradas por várias figuras posteriores, como o próprio imperador Trajano.

Mas à medida que Nero envelhece, ele rejeita todos os conselhos morais de seu tutor e começa seu reinado de terror. Sêneca é forçado a se retirar da vida política, mas acaba sendo condenado à morte por seu suposto envolvimento em uma conspiração contra seu ex-aluno.

Sêneca corta os pulsos, toma cicuta e um banho quente que o sufoca: ele atinge assim seu objetivo de se matar antes que a ordem de Nero seja executada.

Sêneca, o equilíbrio da virtude moral Sêneca não era um filósofo clássico com um grande corpus teórico ou metafísico. Pelo contrário, o pensador cordobês forjou uma filosofia prática centrada na ética: Seneca não aborda os grandes enigmas da filosofia, mas concentra suas reflexões no caminho para encontrar a felicidade.

Seus principais trabalhos são diálogos nos quais ele trata de um tema específico e o desenvolve a ponto de chegar a conclusões. Esta

estrutura simples de suas obras filosóficas, que precede o ensaio, é uma das razões de sua transcendência posterior: alguns de seus livros foram comparados a manuais de auto-ajuda.

Entre os trabalhos mais importantes de Sêneca está o diálogo Sobre a Tranqüilidade da Alma, que resume grande parte de sua doutrina estoica. É aqui que surge o conceito de ataraxia, já utilizado por Demócrito, e que é visto como a chave para uma vida equilibrada e feliz.

O ataraxia seria um estado de equilíbrio superior que o sujeito alcançaria controlando suas paixões, mostrando força de espírito diante da adversidade.

Somente sendo guiados pelos princípios da razão e da virtude seremos capazes de controlar nossas paixões e desejos, alcançando aquela serenidade que precede a felicidade plena.

Assim, a virtude derivará da racionalidade, e a inteligência terá que analisar e esclarecer as paixões, eliminando o obscuro e irracional nelas: "o homem mais poderoso é aquele que é dono de si mesmo".

Por outro lado, Sêneca também mostrou algumas idéias revolucionárias para seu tempo, como seu compromisso com uma fraternidade universal superando os limites de conceitos como pátria ou cidade, ou sua rejeição da escravidão numa época em que os escravos sustentavam o Império Romano.

Seneca, a contradição de um

pensador influente

Não só o filósofo cordobês conquistou numerosos seguidores durante sua vida, mas foi muito mais tarde que sua figura atingiu sua maior dimensão. Sua rejeição da mitologia romana, sua tendência ao monoteísmo e sua defesa da virtude moral o colocaram no radar dos

primeiros filósofos cristãos que buscavam avidamente referências para incorporar em sua nova doutrina.

De fato, sua vida faz parte da Lenda Dourada Cristã, narrando seus supostos encontros e cartas com São Paulo, um contemporâneo de Córdoba. Afirma-se até que seu suicídio no banho foi na verdade um batismo no qual o próprio Paulo de Tarso participou.

Apesar da influência que teve na Idade Média, foi na Renascença, com figuras como Erasmo de Roterdã, que Sêneca atingiu o auge de sua fama. Seu antropocentrismo e humanismo, sua afirmação da igualdade dos homens e, mais uma vez, sua defesa da virtude moral em uma vida sóbria e serena encaixa-se perfeitamente na ideologia humanista da Renascença.

Entretanto, não se deve esquecer que, segundo muitos de seus biógrafos, Seneca não viveu de acordo com o que ele defendia. Ele foi movido pela ambição, traiu vários de seus apoiadores para salvar sua própria vida - não condenou o assassinato de seu antigo patrono Agrippina por seu filho Nero -, defendeu o indefensável para permanecer no poder e não rejeitou os luxos que seu escritório lhe proporcionava, além de manter alguns vícios que ele mesmo afirmava detestar.

Por tudo isso, ele era freqüentemente acusado de hipocrisia. Mas como diria o próprio Sêneca: "precisamos de uma vida inteira para

aprender a viver", mesmo se você quer dizer tão bem quanto o grande pensador cordovês.

# Document Outline

- [Sêneca e estoicismo](#)
- [Introdução](#)
- [Lucius Annaeus Seneca: biografia de um filósofo estoicista](#)
- [O estoicismo e os escritos de Sêneca](#)
- [Influência subsequente](#)
- [Trabalhos de representação](#)
- [Sêneca: o caminho para a virtude](#)
- [Vida de Sêneca](#)
- [A escola estóica](#)
- [O pensamento de Sêneca](#)
- [Seneca, o pensador cordobês que revolucionou a filosofia](#)
- [Seneca, uma cordobesa em Roma de Nero](#)
- [Sêneca, o equilíbrio da virtude moral](#)
- [Seneca, a contradição de um pensador influente](#)